



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ELISANDRO SCHULTZ WITTIZORECKI

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-801

Entrevistado: Elisandro Schultz Wittizorecki

Nascimento: 02/04/1977

Local da entrevista: Porto Alegre - RS

Entrevistador/a: Mayara Cristina Mendes Maia e Jamile Mezzmo Klanovicz

Data da entrevista: 07/08/2017

Transcrição: Luisa Lemos Goellner

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Luisa Lemos Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 05 segundos

Páginas Digitadas: 10

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção Do E-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Programa Segundo Tempo; Participação no Programa Esporte da Escola; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Equipe Pedagógica do Programa Segundo Tempo; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Experiência na formação de agentes sociais; Avaliação do Esporte da Escola.

Porto Alegre, 19 de 09 de 2017. Entrevista com Elisandro Schultz Wittizorecki a cargo das pesquisadoras Mayara Cristina Mendes Maia e Jamile Mezzmo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Boa tarde, professor.

E.W. – Boa tarde, queridas.

M.M. – Primeiramente, muito obrigada por ceder o seu tempo para conceder esta entrevista ao CEME. Para iniciar, você poderia nos contar um pouco sobre como começou o seu caminho com o programa Segundo Tempo e quando?

E.W. – Foi em meados de 2014. Na época, o professor Alberto Reppold Filho¹, que é o Betão, havia assumido a coordenação do Programa porque, então, o Professor Petersen² que coordenava tinha assumido como Secretário de Esporte e Lazer no Estado do Rio Grande do Sul. E aí, o professor Betão, através do professor Cícero³, me convidou. Perguntou se eu tinha interesse e disponibilidade. Na época, eu lembro que ele ainda me apresentou o material, aquela coletânea dos quatro volumes das práticas corporais. E ali pelo meio do ano de 2014, eu ingressei no Programa. Daí participei de uma

¹ Alberto Reinaldo Reppold Filho.

² Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

³ José Cícero Moraes.

instrumentalização, uma capacitação que teve aqui na ESEFID⁴ no meio do ano e passei a compor a Equipe Colaboradora 18.

M.M. – E dentro dessas atividades, você participou do Programa Segundo Tempo em um projeto específico ou você conheceu mais projetos?

E.W. – Como a gente estava falando antes, eu entrei na EC18⁵ que, na verdade, estruturalmente era como se compunham as diferentes equipes do PST⁶, mas eu acabei participando mais nas formações de extensão do Esporte da Escola. Então, durante o pouco tempo que eu tive, na verdade fiquei um ano e meio, não chegou a dar nem dois anos, eu fiz uma visita de avaliação de um núcleo do PST Padrão em Estrela. E todas as outras participações minhas foram em cursos de extensão.

M.M. – E que atividades você desempenhava no Programa?

E.W. – No início, a gente fazia mais a parte de uma fala institucional das questões das políticas de lazer, nas questões políticas sociais e tal. E depois, mais adiante eu fui adentrando também na parte das vivências mesmo, na parte prática das oficinas. Então, eu trabalhava com oficinas de práticas corporais de aventura, trabalhei com as oficinas de ginásticas e lutas. [riso] Apesar de não ter sido nenhum lutador do tipo judoca, carateca ou capoeira, mas era um tema que eu fui fazendo um percurso que me agradou, essa coisa das lutas, da escola. Daquela ideia lá do Tarsício Vago⁷, não as lutas na escola, mas as lutas da escola. Então eu fui, trabalhei com essas oficinas aí. Eu falava sobre o esporte escolar, sobretudo ginástica, práticas corporais de aventura e lutas. É a parte que eu mais trabalhei.

M.M. – Entre as funções que tinha nos grupos para o Esporte da Escola em específico, quais você atuava?

E.W. – Tinha um representante do Ministério do Esporte, um da equipe pedagógica e os formadores...

⁴ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

⁵ Equipe Colaboradora 18.

⁶ Programa Segundo Tempo.

⁷ Tarcísio Mauro Vago.

M.M. – E em alguns grupos tinham líderes também?

E.W. – Sim.

M.M. – Você foi líder alguma vez ou teve experiência?

E.W. – Na única oportunidade em que eu ia ser líder, um colega acabou trocando. Eu ia ser líder numa formação em Passo Fundo e um colega que estava com dificuldade de agenda por problemas familiares, acabou trocando. Então, ele foi líder dessa formação e eu acabei indo fazer uma formação no interior de Minas Gerais. Mas acompanhava ali por dentro, via que o líder tinha aquela incumbência ali de organizar, pedir materiais, fazer contato, mas efetivamente não experimentei.

M.M. – E como aconteciam esses cursos que você participou?

E.W. – Então, tudo desencadeava com a designação, a convocação da Equipe Gestora lá em Brasília, né? Que designava: “Olha, vocês foram designados para fazer a capacitação lá em Teófilo Otoni, por exemplo, no interior de Minas”. Então, designava as pessoas, a gente montava a equipe. O líder começava a fazer um pouco do contato telefônico e via e-mail para acertarmos agendas, vôos, quem ia trabalhar com que modalidade, materiais que se precisava e tal. Então, a gente ia acertando essas questões por meio eletrônico, assim, por e-mail. Feita a viagem, chegada ao local, a gente normalmente se encontrava já quase no aeroporto na chegada da cidade, ia conhecer a escola porque normalmente as formações eram na escola. A gente fazia um reconhecimento do espaço, via materiais, conversava com a Direção. Fazia uma reunião preparatória, quase sempre no hotel que a gente ficava. E dali a gente desempenhava as atividades, a gente dividida meio que naquela organização padrão, assim, a oficina de Ginástica, de Luta, Esportes de Invasão, Esportes de Marca, de Rede, Capoeira, Ginástica. A gente dividia ali, organizava por turnos, via quantidade de participantes, estipulava ali quantas turmas a gente ia precisar fazer e repetir para dar conta de atender todo mundo. Trabalhava tanto com a dimensão vivencial quanto com a dimensão mais teórica. Falando sobre o planejamento, o material instrucional daquela coletânea. Bom, depois, seguíamos com um momento de planejamento e tal, isso durava

dois dias. Os cursos geralmente tinham essa duração, dois dias. A gente fazia uma avaliação depois da jornada junto com o grupo, entre nós e é assim: chegada na cidade, dois dias, entrava no avião e voltava. Entre o deslocamento, a missão propriamente dita e o retorno, tudo acontecia em quatro dias.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

E.W. – Teve um, eu diria que o mais marcante, eu diria, quase pelo lado do avesso, assim, porque teve uma formação que a gente foi fazer numa cidade de Minas. Será que era... Não era Teófilo Otoni, foi em Pará de Minas e eu lembro que a articulação das pessoas, dos participantes, acabou sendo a problemática. Então, havia a estimativa de participação de 80 ou 90 pessoas. E pensem, tem um investimento, né? Deslocamento, passagem, estadia, alimentação, ou seja, diária para uma equipe. Nós íamos quase sempre em quatro professores, um representante da Equipe Pedagógica, mais um do Ministério e sempre se imaginava, se esperava que tivesse um público consistente. E eu lembro que a gente foi para esse curso e nós juntamos quatorze pessoas! E rolou um certo mal-estar porque a gente ficou um pouco surpreso, né? Nós estamos ali com quase um professor para cada participante. Porque tinha acontecido um problema, alguma dificuldade de pagamento das bolsas aos monitores do Esporte da Escola que estava atrasado, então, uns saíram e não foram recontratados. A articulação comunitária não rolou bem. E eu lembro que um olhou para o outro... Eu até fui uma das pessoas que disse: “Moçada! Não vamos deixar a peteca cair! As pessoas estão aqui, merecem o nosso melhor e vamos fazer um caldeirão com esse negócio aqui. Vamos seguir na maior pilha, no maior alto-astral”. E foi muito interessante porque os participantes estavam quase que com o sentimento de: “Vão cancelar isso”. E veja, em alguns momentos nós tínhamos oito, nove participantes... Não se manteve quatorze o tempo todo, né? Falta por dificuldade de agenda, pessoas, bom, dava para ver que eles estavam preocupados tipo: “Vão, vão cancelar”. E foi muito legal porque nós fizemos uma jornada intensa e motivadora para nós e para eles. Se tem algo de diferente que eu poderia registrar, eu acho que foi isso. A gente segurou a onda. Para dar conta de Esporte de Invasão com oito ou nove pessoas. Nós chamamos crianças que estavam na escola, elas participaram junto para encorpar a atividade. Foi bem interessante.

M.M. – Bem professor, e além dos cursos o Esporte da Escola também tinha linhas de avaliação com visitas às escolas. Você realizou alguma visita?

E.W. – Nenhuma.

M.M. – E no seu grupo, você lembra se tiveram pessoas que chegaram...

E.W. – Eu lembro que no nosso grupo havia algumas pessoas que estavam especificamente lotados como membros do Esporte da Escola. Era o caso da Gabriele⁸ e da Jennifer⁹ que eram da Universidade Federal de Pelotas. Elas eram da equipe, as pessoas que fizeram essas visitas. Eu lembro porque elas estavam na lotação como Esporte da Escola. Como eu entro na vaga, pelo Programa Segundo Tempo Pradão. E claro, professor aqui, então não tinha uma agenda muito *free* assim. E as gurias por conta da sua... Elas eram mestrandas do líder da EC18¹⁰ e tal, tinham essa coisa de uma agenda mais maleável, então, normalmente elas é que eram designadas para fazer essas visitas do Esporte da Escola.

M.M. – Professor, qual é a sua opinião sobre o processo dos cursos de extensão?

E.W. – Sabe que para mim foi um processo absolutamente novo, né? Porque eu trabalho com formação de professores mas não havia experimentado via este Programa, via essa política pública de esporte e lazer, de fomento. E foi muito interessante porque as pessoas vinham muito sedentas, com vontade de serem ouvidas, de alguma maneira de sentirem mobilizadas. Então, acho que muito do que a gente trabalhava na formação nem sempre eram exatamente conteúdos novos, novíssimos, mas aquilo mexia com o sujeito, uma espécie de renovação do desejo. Acho que isso é alguma coisa bem interessante. A outra é que a gente atendia de fato comunidades, município, cidades em que há horas não se via, não recebia esse olhar, essa atenção do poder público com alguma atividade de formação permanente. O material, muito interessante, a coletânea... A Equipe Pedagógica ao longo do tempo fez um trabalho muito consistente, assim, de produção de material, inclusive na plataforma EaD¹¹, um material magnífico. Então, eu diria assim, eu faço uma avaliação

⁸ Gabriele Radünz Krüger.

⁹ Jennifer Rodrigues Silveira.

¹⁰ Alexandre Carriconde Marques.

¹¹ Ensino à Distância.

bastante positiva. O pessoal saía, a impressão que eu tenho nas avaliações, é que os participantes saíam muito empolgados, renovados, mexidos e, claro, com aquele desafio de fazer a tradução disso no seu cotidiano. Claro que ali, numa formação com um monte de gente, um monte de materiais, monte de professores, a coisa flui de uma forma muito interessante. O desafio é que essas pessoas pudessem pensar, por exemplo, algo que eu trabalhava ali com muita gente, lutas e práticas corporais de aventura, que eu diria, são dois temas não hegemônicos na escola. É possível traduzir isso. Trazer esse tema para o mundo escolar. Então, só aí eu já vejo uma herança, um legado muito interessante via essas formações que a gente construía e desenvolvia.

M.M. – Professor, o Esporte da Escola inicialmente levava esses professores para vários lugares do Brasil e depois ele tentou se regionalizar. Teve algum outro espaço, fora do Rio Grande do Sul, além de Minas Gerais que o senhor foi ministrar cursos?

E.W. – Acho que tive duas oportunidades em Minas, que foi onde me designaram que foi Teófilo Otoni e Pará de Minas. Acho que as outras foram aqui no Rio Grande. Já havia uma vontade, um desejo de fazer regionalizado, mas eventualmente, quando havia uma dificuldade na agenda das pessoas e até o tema... “Bem, precisamos de alguém para essa semana que trabalhe com lutas, que trabalhe com tal tema”. Então às vezes, eventualmente secunduzia alguém lá para outros rincões.

M.M. – Muitos entrevistados relataram que além dos monitores do Esporte da Escola também tinha a presença de outros profissionais, como professores de Educação Física...

E.W. – Ah, sim, é. Acho que a ideia era... Acho, que prioritariamente era atender os monitores mas como havia um tremendo de um investimento, eu lembro que as formações sempre, sempre abriam para os professores das escolas. E às vezes vinham, olha, quase mais professores que monitores, na experiência que eu tenho. Lembro que teve uma, acho que a maior delas, que foi aqui em Gravataí que tinha muita gente. Muito monitor e muito professor.

M.M. – Quais foram as principais limitações e dificuldades que você vivenciou nos cursos?

E.W. – Bom, em termos de limitações, eu diria que tem uma limitação que é inerente ao pedagógico. A gente chegava numa cidade, num contexto e não conhecia praticamente ninguém. Claro que tinha um representante local para fazer um pouco da nossa apresentação, socialização, fazer uma interface. Mas a gente conhecia o espaço e as pessoas no momento. Assim como é inerente ao ato pedagógico cada semestre conhecer uma turma, né? Mas isso, em Gravataí a gente chegou para fazer uma formação e era num CTG.¹² Então se compensa isso, né? “O que que tem aqui? Tem cerca? Tem rio? Tem água? O que que tem para gente poder trabalhar”, né? Tem isso. Outra, eu diria assim, as formações eram planejadas com momentos teórico-práticos. Muitas pessoas queriam era: “Vamos fazer oficinas” e tal. Às vezes, quando a gente chegava para um momento de reflexão achavam um pouco morosos, assim, mas é outra que também, eu diria que é um pouco a cara da área, assim, essa resistência do pessoal parar um pouco... Essa dimensão de reflexão teórica. Às vezes, a coisa era um pouco corrida. Claro que mobilizar uma equipe em quatro dias era um tempão e tanto. Mas era muito tema, porque tinha uma certa cartilha do que do que precisava ser desenvolvido. Então, o curso era muito acelerado. Se pegávamos um grupo grande de, sei lá, cento e vinte participantes e precisava dividir em três, eram quatro turmas para fazer o rodízio das oficinas. A gente tinha que fazer pequenas vivências, a oficina mais curta e, às vezes, com menor tempo de reflexão. Então, eu diria assim, uma das dificuldades, dependendo do número de participantes era o processo em dois dias que era muito apressado. Por outro lado, a gente olha para uma “Socioculturais III”¹³, puxa! Poderíamos ter uma faculdade, uma graduação toda só com os temas da “Socioculturais III”. Só para brincar que a gente sempre pode dispor, imagina que precisaria de mais tempo. Eu acho que essas eram as duas maiores limitações. Não chego a colocar como *problemas*, né? Mas é o tempo e poder conhecer melhor o espaço e as pessoas.

M.M. – Então de forma geral com as suas experiências, você acredita que o Esporte da Escola cumpria um papel de inclusão social?

E.W. – Então, esse debate da inclusão é difícil porque hoje a gente fala inclusão. Inclusão é uma expressão meio cartão de crédito. Tu falaste inclusão e “Uau!” Vai abrindo

¹² Centro de Tradição Gaúcha.

¹³ Disciplina da grade curricular do curso graduação de Educação Física da UFRGS.

caminhos. A inclusão precisa se materializar em muitas frentes e nos atos do cotidiano. Eu diria que o Programa se preocupava com isso. Ele olhava para isso. Ele trazia esse tema para cena. Trazia para os momentos de formação. Como é que as pessoas traduziam, se viam autorizadas? Bom, daí é um outro passo. Eu diria que é um tema que o Programa olhava, se preocupava, trazia inclusive do ponto de vista vivencial dentro das oficinas. Eu diria que sim, contribuía. Agora a gente precisa olhar para isso com uma... Diria com prudência para não fazer um discurso muito, eu diria assim, muito apressado e às vezes, muito ingênuo, né? “Que bom, aprendemos a fazer o vôlei sentado, aprendemos atividades para cegos e isso deu conta da inclusão.” A inclusão é um exercício que tu precisas no dia a dia, em cada momento e cada situação está olhando para isso e vivendo, fazer isso viver com as pessoas. Digo que sim, ele trouxe para cena, mas daí precisa estar olhando o tempo todo para isso.

M.M. – Professor, então, tem alguma coisa que a gente não te perguntou que o senhor acha que merece ser abordado?

E.W. – Eu fiquei pouco tempo, em torno de um ano e meio, quase dois no Programa. Então, eu não tenho a mesma visão, experiência das pessoas que acompanharam o Programa desde muito tempo. O Pereira¹⁴, por exemplo. Então talvez essas pessoas possam ter uma noção mais aprofundada. Quanto o Programa evoluiu, o que a gente tem hoje é o mais perto de uma articulação com projeto pedagógico de escola do que já foi. Então outras pessoas com outros percursos possam trazer outras análises, outros olhares. Meu olhar é de uma pessoa que experimentou pouco tempo, que trabalhou basicamente com as formações, mas eu saí bastante satisfeito com a experiência. Foi uma jornada bem interessante. Trabalhando com as pessoas, trabalhando com a formação teórico-prática acho que é uma coisa importante. Foi uma jornada bem interessante.

M.M. – Muito obrigada por sua contribuição, professor Elisandro!

E.W. – Podem contar comigo quando precisarem.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁴ José Pereira de Melo.